

que no caso presente se deva ver na acupressura percutanea outra cousa senão a producção d'um momento favoravel á coagulação; e n'este intuito foi ella feita. Sem duvida a cura foi devida propriamente á acupunctura; e aqui acho uma nova confirmação das idéas que acima enunciei sobre a acção dos citados methodos de tratamento dos aneurysmas.

Dr. Pacifico Pereira.

(Continúa.)

O CHLORAL NO PARTO

(Conclusão)

§ 2.º

Parto laborioso

É á acção anesthesica do chloral, que se recorre para o applicar no parto laborioso, em que é forçoso acabar por manuseações simples ou instrumentaes o que a natureza só por si foi impotente para levar a cabo.

Tarnier foi o primeiro a empregar o chloral para tornar mais toleraveis ás parturientes estas manobras dolorosas. N'um primeiro caso deu 4 grammas de chloral, que fizeram cahir a puerpera n'um profundo somno, permittindo a applicação do forceps 45 minutos depois da ingestão do chloral sem a acordar completamente; foi bastante aquella dóse pois a parturiente se achava extenuada por um longo trabalho de 61 horas; e com tanta mais actividade obra o chloral, quanto mais enfraquecida está a pessoa, a quem é administrado. Terminado felizmente o parto, a puerpera continuou a dormir até ao dia seguinte. N'um outro caso, *Tarnier* foi menos feliz, porque a paciente vomitou o medicamento; foi necessario fazer a inalação do chloroformio, que em 10 minutos a entorpeceu completamente. (1)

Este caso em que a acção do chloroformio, sommada á do chloral, não produziu excitação, é mais um ataque ás idéas de *Liégeois*, a que já me referi.

Du Hamel, de Baltimore, empregou o chloral n'um parto, que teve de auxiliar com o forceps; e julga-o muito superior ao chloroformio n'estes casos; tendo além d'isso, pela relaxação muscular que produz, a vantagem de facilitar muito as manobras obstétricas. (2)

(1) *Lecacheur*, obra citada, pag. 58

(2) *The American Journal of the medical sciences*, vol. LX, pag. 574.

Não sendo necessaria uma anesthesia completa como a que se requer nas grandes operações chirurgicas, mas um simples entorpecimento para facilitar a execução das manobras obstétricas, eu julgo o chloral um bom meio n'estes casos, em que *Bouchut* tambem o aconselhava.

§ 3.º

Accidentes do puerperio

Tratarei n'este paragrapho dos accidentes que acompanham ou seguem a gravidez, ou que complicam ou seguem o puerperio.

Referirei em primeiro lugar um caso de *choréa* intensa durante a gravidez, e que foi tratado com feliz exito pelo hydrato de chloral. Trata-se d'uma mulher de 21 annos, pejada de cinco mezes, que havia sido atacada de *choréa* no começo da gravidez e que se ia tornando cada vez mais violenta, á medida que se approximava o termo da prenhez; nunca soffera de rheumatismo, nada de anormal no orgão ou função cardiaca, e não tinha albumina na urina. Começou-se por prescrever o bromureto de potassio em alta dóse, que ficou sem effeito; e *Welch* administrou o chloral na dóse de 5 grammas nas primeiras vinte e quatro horas; continuando depois com doses variaveis, conforme as alternativas da doença, até que a paciente, cuja vida havia estado em perigo, saiu do hospital curada. (3)

Bouchut, fundado na amyosthenia produzida pelo chloral não duvidou aconselhar o seu uso na eclampsia puerperal; (4) e em Dezembro de 1869 era seguido este conselho, na Maternidade do hospital *Cochin*, por *St. Germain*; o tratamento foi porém tão variado, que não me julgo com direito de attribuir ao chloral a cura obtida, se bem que a elle se deva uma parte do alivio conseguido (5)

O emprego do chloral é racional n'esta doença; tanto que o chloroformio, em que elle se desdobra, foi por muitos julgado o melhor tratamento na elampsia. *Simpson* em 1847, e depois d'elle *Chauning*, *Seybert*, *Scanzoni*, *Curchill*, *Trousseau*, *Blot*, *Meisinger*, *Leudet*, *Campbell*, *Chassagny* e *Horand*, *Liégard*, *Maugenest*, e *Richet* alcançaram optimos resultados do chloroformio na doença, a que me estou referindo; por isso não é hoje uma innovação o uso do chloral para o mesmo fim. Terá porém o medicamento correspondido ao que d'elle se esperava? Vejamos.

(3) *Medical Times Gazette*, 8 de Janeiro de 1870.

(4) Obra citada, pag. 16.

(5) *Lecacheur*, obra citada, pag. 64.

Na sessão de 23 de março de 1870 da sociedade de cirurgia, *Demarquay* communica em nome de *Serré de Bassaume* uma observação d'eclampsia puerperal tratada e curada pelo chloral, n'uma primipara de vinte e dois annos, sem albumina nas urinas, e repetindo-se os accessos com intervallo d'uma hora. Tinha tido a doente trinta e tres accessos quando se lhe fez uma sangria geral, e se applicaram sanguesugas, vesicatorios, sinapismos, e 3 grammas de sulfato de quinina. Apesar de todo este tratamento teve a doente mais trinta accessos nas vinte e quatro horas; deram-se 4 grammas de chloral, que fizeram logo cessar as convulsões e provocaram um somno tranquillo. Continua a tomar de meia em meia hora uma colher de uma solução de 4 grammas; e quatro dias depois estava completamente curada. (1)

Na *Obstetrical Society of London*, sessão de 2 de Março de 1870, o barão *Paul von Seydewitz* deu conta d'um caso de eclampsia puerperal, n'uma mulher de trinta e cinco annos, que soffria de endocardite *post-partum*; um tratamento muito variado não conseguiu melhora alguma. O chloral porém fez logo cessar os ataques, que não voltaram, e a doente curou-se. (2)

Milne empregou tambem o chloral n'um caso d'esta doença, provocado por um susto n'uma puerpera, obtendo optimo resultado (3); e *Hay* narra tambem um caso de convulsões *post-partum*, em que tendo falhado a belladona e o bromureto de potassio, applicara o chloral com bom exito em dóse de 3 grammas. (4)

Na sociedade medica dos hospitaes de Paris fez *Reynaud* a seguinte communicacão em sessão de 23 de Dezembro de 1870:

« Fui chamado ás sete horas da manhã para vêr uma mulher que desde a vespera á tarde ás onze horas tinha tido em seguida ao parto trinta a quarenta ataques de eclampsia; era albuminurica, e conservava trismus no intervallo dos ataques. Fizeram-se inhalações de chloroformio com o fim unico e unico resultado de vencer a contractura dos musculos das maxillas. Administrou se então uma poção com 4 grammas de chloral, e cinco minutos depois, a parturiente cahia em resolução; um somno profundo e tranquillo, durando tres horas, succedeu-se aos ataques eclampticos, o ultimo dos

(1) *Gazette hebdomadaire*, n. 18 de 6 de Maio de 1870.

(2) *The Lancet*, de 2 de Abril de 1870, pag. 484.

(3) *Edinburgh Medical journal*, Maio de 1870.

(4) *Practitioner*, Março de 1870.

quaes teve logar ás dez horas e meia. Tomou ao tudo 10 grammas de chloral, que curaram a eclampsia; a albuminaria foi diminuindo depois. » (5)

Rabl-Rucklard ensaiou o chloral n'esta doença no hospital da *Caridade*, de Berlim, narrando dois casos de cura. Começou n'um caso por dar 2 grammas de chloral em injeções, que foram seguidas d'um somno de vinte horas, durante o qual cessaram as convulsões; deu mais 4 grammas em injeções, quando a eclamptica acordou; e as convulsões não voltaram. No outro caso, uma injeção de 3, 5 grammas de chloral, feita em duas puncturas subcutaneas, fez cessar immediatamente a eclampsia. (6)

William Alexander, medico do *Halifax Infirmary and Dispensary*, refere tambem um caso da clinica de *Hamerton (de Elland)* de febre puerperal, com grandes perturbações na visão, e illusões espectraes, durante uma insomnia de quasi uma semana; symptomas contra os quaes 1,5 de bromureto de potassio por dóse e algumas injeções subcutaneas de morphina nada tinham podido conseguir. Administrou então uma poção com 2,4 grammas de chloral, que foi seguida immediatamente de um somno tranquillo de doze horas, melhorando muito as perturbações cerebraes. O medicamento continuou-se com favoravel resultado, curando-se a doente. (7)

De *William Alexander* é tambem a observação de outro caso, que se deu n'uma mulher cinco horas *post-partum*, e que tinha 3 ou 4 paroxysmos em cada hora, desde a meia noite até ás sete da manhã. A belladona e a morphina foram impotentes. Administrando se-lhe 3,6 de chloral, immediatamente depois de cuja ingestão teve o ultimo accesso. O chloral, tomado ás sete da manhã, produziu um somno que durou das sete e meia á uma hora; deram-se-lhe mais 1,8 grammas, e o somno prolongou-se até ás tres horas. A doente não teve mais convulsões. (8)

Stanley Elliott diz haver o chloral aproveitado na mania puerperal; (9) *Playfair* refere, no *Obstetrical Society of London*, um caso da mesma doença, em que o mesmo medicamento prestou grande serviço como preventivo. A

(5) *Bulletin général de thérapeutique*, vol. LXXX, 30 de Maio de 1871, pag. 376.

(6) *Berlin Klin Wochenschrift*, tomo 6 de 1869, pag. 48.

(7) *The Lancet*, 15 de Janeiro de 1870, pag. 79.

(8) *The Practitioner*, Março de 1870.

(9) *The Lancet*, 28 de Maio de 1870.

puerpera tinha tido eclampsia n'um parto anterior; e n'aquelle que *Playfair* observou appareceram todos os symptomas percussores da eclampsia no primeiro, agitação, insomnia, etc. Prescreveu-lhe 1,5 grammas de chloral á noite, do que resultou um somno longo e socegado; tratamento este que se continuou por uma semana, e não apparecendo a eclampsia, que, ao que parece, foi abortada. (1)

Thompson communicou á *Obstetrical Society of Edinburgh* um caso de mania puerperal, em que julga haver sido o chloral um medicamento de grande valor no periodo agudo da doença. (2)

Clousten obteve lisongeiros resultados n'um caso da mesma doença, em que 2 grammas de chloral fizeram baixar a temperatura de 100 a 98° (Fabr.) produzindo um somno de oito horas; (3) e *Hy. Maxwell Adams*, cirurgião do 2.nd *Royal Lanark Militia*, refere com todos os pormenores o seguinte caso de cura, que por me parecer curioso transcrevo na sua integra.

« Fui chamado em 25 de Novembro de 1869 para vêr F—no seu primeiro parto, que foi facil, passando a parturiente sem novidade até á manhã de 29, em que começou a fallar um pouco desarrasoadamente cahindo então n'um estado da mais aguda e desordenada mania. Cortei-lhe o cabello, appliquei gelo na cabeça, e quatro sanguesugas nas temporas, fomentação no abdomen, 1,5 grammas de bromureto de potassio de 2 em 2 horas. Os symptomas de ligeira congestão de que este caso tinha sido precedido diminuíram rapidamente, mas a mania continuou com igual intensidade. Dei-lhe então quarenta minimos de solução sedativa d'opio de *Battley*; e como não produzisse effeito, tornei a administrar a mesma dose 2 horas depois, mas igualmente sem resultado. Chloroformisei-a então julgando que isto auxiliaria a acção do opio, e que a doente dormiria. Não aconteceu porém assim; então (25 horas depois do ataque e muitas horas depois do opio e chloroformio) dei-lhe 2 grammas de hydrato de chloral. A este tempo o pulso quasi não se sentia na radial, e as extremidades estavam frias; a agitação era maior que durante o periodo do ataque, e os gritos eram incessantes.

« Cerca de cinco minutos depois da administração do chloral, recuperou a quietação in-

teiramente e a sensibilidade, perguntou o que tinha succedido, queixou-se de grande somnolencia, e dentro de dez minutos caía n'um somno profundo, que durou sete horas.

« O pulso foi-se avolumando gradualmente, diminuindo de frequencia, até que chegou a 80. O somno era um pouco pesado nas duas primeiras horas, mas depois tornou-se inteiramente natural e mais leve.

« Durante a continuação d'este caso, em consequencia d'uma occorrença periodica da mais severa fórma de mania que a minha má estrella me permittiu observar, fui obrgado a dar o chloral por vezes espaçadas, nas doses de 2 a 3 grammas, e sempre com o mesmo resultado, isto é, cessação completa em poucos minutos de gritos e agitação, restituição do socego consciencioso, seguido de somno natural, durando de seis a oito horas. Tampem o pulso debaixo da sua influencia melhorava sempre n'um grão notavel.

« Durante quinze dias não administrei o remedio, quando a mania reapareceu. Dei-lhe 2 grammas de chloral, depois dos quaes dormiu, socegradamente sete horas. » (4)

Maxwell Adams contava mais tarde que a sua doente tinha ido progressivamente melhor; os ataques agudos de mania voltaram algumas vezes depois de publicada a observação, mas foram quasi instantaneamente subjugados como os primeiros, por uma ou duas doses de chloral; emfim a doente já podia sair e tratar dos arranjos domesticos. (5)

Philips disse na sessão de 4 de Janeiro d'este anno da *Obstetrical Society of London* que tinha applicado o chloral em dois casos de eclampsia, e cinco de mania puerperal; em quatro d'estes ultimos foi benefico o seu effeito e no quinto nenhum resultado obteve. N'um dos casos de mania, a paciente não dormia havia tres dias, apesar de haver tomado opio; cinco minutos depois de ingerir 2 grammas de chloral adormeceu, durando o hypnotismo nove horas; no outro a doente curou-se em quatro dias. N'um dos casos de eclampsia o chloral não teve effeito algum na dose de 2 grammas; no outro porém em que os accessos eram frequentes e violentos, o effeito do chloral foi manifestamente proficuo.

N'esta mesma sessão *Heywood Smith* declarou ter tirado grande proveito do chloral nas affecções do puerperio; incluindo um caso de peritonite puerperal com vomitos, em que 3

(1) *Edinburgh medical journal*, Maio de 1870.

(2) *Edinburgh medical journal*, Maio de 1870.

(3) *British medical journal*, 7 de Maio de 1870.

(4) *The Lancet*, 22 de Janeiro de 1870, pag. 112.

(5) *The Lancet*, 16 de Abril de 1870, pag. 567.

grammas de tres em tres horas produziram salutar effeito. (1)

S. Teller refere um caso de mania *post-partum*, em que a morphina dada inteiramente e em injeção hypodermica, e o bromureto de potassio, não produziram effeito. Administrou o chloral na dóse de 0,75 grammas, seguido quatro horas depois de mais 0,35 grammas. Depois da primeira dóse, a doente dormiu tres horas e meia, e depois da segunda quatro horas sem interrupção; acordou para tornar logo a adormecer, tendo dormido ao todo dezeseite horas em vinte e quatro. O chloral foi continuado durante seis dias, tomando 30 grammas ao todo; e no undecimo dia da doença, estava curada. (2)

Dos dois casos de mania *post-partum*, referidos por *Jastrawitz*, nada posso concluir; pois que a mulher que fazia objecto d'um d'elles recusou-se completamente a tomar o chloral; e a outra a que se refere aquelle pratico succumbiu em consequencia de accidentes septicemicos. (3)

Por ultimo, *Dacre Fox* publica um caso de convulsões puerperaes, que começaram n'uma rapariga de quinze annos e meio, logo que a cabeça do feto chegou ao estreito inferior. Empregou-se o forceps, e terminado o parto, *Fox* administrou 2 grammas de chloral immediatamente; teve ainda um paroxysmo; e continuando a tomar o chloral, a eclampsia desapareceu, estando a doente inteiramente curada no quinto dia. (4)

De todos os casos citados parece-me poder concluir a efficacia do chloral n'estas complicações do parto a que me referi. Reina ainda na sciencia uma certa obscuridade relativamente á pathogenia dos accidentes uremicos, e á relação que elles possam ter com a eclampsia puerperal; o tratamento da eclampsia é pois ainda um pouco empirico; e se alguma cousa racional póde haver n'elle, é a applicação d'um meio nimiamente sedante, como o chloral, para acalmar a superexcitação nervosa, e abafar as convulsões com um somno tranquillo e reparador. (*These inagural de Clemente José dos Santos.*)—Lisbôa.

(1) *The Lancet*, 21 de Janeiro de 1871, pag. 85.

(2) *Medical Record*, 15 de Fevereiro de 1870.

(3) *Annales medico-psychologiques*, loco citato, pag. 35 e 39.

(4) *The Lancet*, 16 de Julho de 1870, pag. 401.

SCIENCIAS NATURAES.

CARTA DO PROFESSOR LUIZ AGASSIZ AO PROFESSOR BENJAMIM PEIRCE, SUPERINTENDENTE DOS ESTUDOS HYDROGRAPHICOS DAS COSTAS DOS ESTADOS-UNIDOS, RELATIVAMENTE ÀS PROXIMAS INVESTIGAÇÕES (DREDGING) NO FUNDO DO MAR.

Cambridge, Mass., 2 de Dezembro de 1871.

Meu prezado amigo.—Prestes a partir para a expedição que tem por fim as pequizas na profundidade dos mares, para a qual tão efficazmente providenciou, e cujo resultado espero que será a melhor recompensa á sua dedicação pelos interesses da secção hydrographica, cedo ao desejo de deixar nas suas mãos um documento que póde tornar-se para mim de grande compromettimento; mas que, apezer disso estou resolvido a escrever, na esperanza de conseguir demonstrar até que ponto tem caminhado a historia natural para aquelle gráo de adiantamento em que a sciencia póde anticipar o descobrimento dos factos.

Se é certo existir, como acredito que existe, um plano em virtude do qual as affinidades os entre animaes e a ordem da sua successão do correr dos tempos, forão determinadas *ab initio*, e se este plano se reflecte no modo de desenvolvimento e na distribuição geographica de todos os entes vivos; ou, por outras palavras, se este mundo que habitamos, é obra da intelligencia, e não mero producto da força e da materia, deve o entendimento humano, como parte do todo, conoordar em que é possivel, partindo do conhecido, chegar até o desconhecido; e a ser isto verdade, a somma dos esclarecimentos obtidos por esta fórma, dado o devido desconto aos erros que a imperfeição dos nossos conhecimentos torna inevitaveis, deve ser sufficiente para se poder dizer de antemão, o que é que mais provavelmente se deve encontrar nos mais fundos abysmos do mar a respeito dos quaes nada ha, até hoje, positivamente assentado.

Não tentarei expôr a serie de argumentos em que baseio esta minha opinião, indo além do que avancei nas poucas linhas precedentes; isto é, que existe uma correlação entre a gradação dos animaes quanto á complicação da sua estrutura, á ordem de sua successão nos tempos geologicos, ao seu modo de desenvolvimento *ab ovo*, e á sua distribuição geographica, na superficie do globo. Se isto é assim, e se o mundo animal, delineado desde o primeiro, tem sido motivo das mudanças physicas